

GEOGRAFIA:
Ambiente,
Educação e
Sociedades –
GeoAmbES



ARTIGO

**DO LIXO ÀS LETRAS: A REINVENÇÃO DAS
MULHERES CATADORAS DA ASSCAVAG -
DILEMAS DA PRECARIZAÇÃO DO
TRABALHO**

*From garbage to words: the re-invention of women waste
pickers at the ASSCAVAG association - the dilemmas of work
precariousness*

*Des ordures aux lettres: la réinvention des femmes ramasseuses
de l'ASSCAVAG- dilemmes de la précarisation du travail*

Maria Luzenira Braz

Mestre em Educação Pela Universidade Federal de
Mato Grosso (UFMT).

Email: mluzenira.braz@gmail.com

Eliseu Riscaroli

Doutor pela Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Como citar este artigo:

BRAZ, Maria Luzenira; RISCAROLI, Ricardo. Do
lixo às letras: a reinvenção das mulheres catadoras da
ASSCAVAG - dilemas da precarização do trabalho.
**GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades –
GeoAmbES**, jan./jun. vol. 1, n. 1, p. 74-89, 2019.
ISSN 25959026.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 1, número 1 (2019)
ISSN 25959026

DO LIXO ÀS LETRAS: A REINVENÇÃO DAS MULHERES CATADORAS DA ASSCAVAG - DILEMAS DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

From garbage to words: the re-invention of women waste pickers at the ASSCAVAG association - the dilemmas of work precariousness

Des ordures aux lettres: la réinvention des femmes ramasseuses de l'ASSCAVAG- dilemmes de la précarisation du travail

Resumo

O presente trabalho discute a luta das mulheres catadoras de materiais recicláveis pela posse da escrita, na Associação de Catadores de Materiais Recicláveis em Várzea Grande (ASSCAVAG), instituída como sala anexa ao CEJA Licínio Monteiro da Silva. A necessidade de aprender a ler e a escrever, pelo grupo, tem sido uma estratégia político-pedagógica frente à exclusão social e de gênero, diante da precarização do trabalho situada a partir da divisão sexual do trabalho, cuja tendência é direcionada a subalternizar o papel das mulheres no mundo do trabalho. A metodologia adotada é a qualitativa e foi fundamentada a partir da perspectiva do materialismo histórico-dialético. A investigação foi realizada por meio da roda de conversa com 16 mulheres da Cooperativa ASSCAVAG. Dessa forma, foram realizados levantamento e estudo sobre educação, trabalho e gênero.

Palavras-chave: Educação, trabalho, Gênero.

Abstract

This paper discusses the struggle by women pickers of recyclable materials to learn how to write, at the Várzea Grande Association of Recyclable Material Pickers (ASSCAVAG), set up in an annex at the Licínio Monteiro da Silva Youth and Adult Education Center (CEJA). The need to learn to read and write by this group of people has been a political-pedagogical strategy against social and gender exclusion, in the face of the precariousness of work based on the sexual division of labor, where the tendency is to undervalue the role of women in the world of work. The qualitative methodology is based on the perspective of historical-dialectical materialism. The investigation was carried out by means of a round of conversations with 16 women from the ASSCAVAG Cooperative.

Keywords: Education, work, Gender.

Resume

Cet article traite de la lutte des femmes ramasseuses de matériaux recyclables pour l'appropriation de l'écriture, dans l'Association des Ramasseurs de Matériaux Recyclables à Várzea Grande (ASSCAVAG), établie comme une salle annexée au CEJA- Centre d'Éducation pour les Jeunes et Adultes - Licínio Monteiro da Silva. Le besoin d'apprendre à lire et à écrire du groupe a été une stratégie politique-pédagogique vis-à-vis l'exclusion sociale et de genre, face à la précarisation du travail située à partir de la division sexuelle du travail, dont la tendance est orientée à minimiser le rôle des femmes dans le monde du travail. La méthodologie qualitative est fondée sur la perspective du matérialisme historique-dialectique. L'enquête a été réalisée par l'intermédiaire de la ronde de conversation avec la participation de seize femmes de la coopérative ASSCAVAG.

Mots-clés: Éducation, travail, Genre.

Maria Luzenira Braz e Eliseu Riscaroli

75

Introdução

Aqui, apresentamos a luta das mulheres catadoras de materiais recicláveis pela posse da escrita, na Associação de Catadores de Materiais Recicláveis em Várzea Grande-ASSCAVAG, instituída como sala anexa do Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA Licínio Monteiro da Silva. Com isso, a necessidade de aprender a ler e a escrever, para o grupo pesquisado, tem sido uma estratégia político-pedagógica frente à exclusão social. Este texto é resultado de uma aula de campo do 3º ano, disciplina Projetos Integradores III, em Educação de Jovens e Adultos do curso de Pedagogia, pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, ocorrido em outubro de 2016. A iniciativa se deu no período em que ministrei tal disciplina, mediante a necessidade das acadêmicas conhecerem novas experiências, ou seja, proposta diferenciada, sobretudo, que fugisse do padrão de escola chamada “regular”.

Vale lembrar que, o desafio da Educação de Jovens e Adultos é justamente promover proposta pedagógica com tempos e espaços diferenciados. Desse modo, conhecer a sala de aula das trabalhadoras catadoras da ASSCAVAG seria uma oportunidade das futuras pedagogas poderem vivenciar uma experiência totalmente inovadora na própria modalidade EJA. Embora a sala de aula da ASSCAVAG esteja vinculada ao CEJA Licínio Monteiro da Silva para fins dos atos certificadores, a proposta pedagógica das mulheres catadoras possui um modelo pedagógico próprio. Para tanto, foi utilizada como metodologia a roda de conversa na perspectiva de deixar as trabalhadoras bem à vontade para dialogar.

O trabalho divide-se em duas partes: a primeira faz um breve histórico da organização política das mulheres da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Várzea Grande - ASSCAVAG: tendo em vista o desemprego, precarização do trabalho, organizam-se na construção da luta coletiva como perspectiva de sobrevivência às relações de mundo do trabalho. Na segunda, apresenta a ASSCAVAG – sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem, bem como, instrumento de luta ou resistência das catadoras de materiais recicláveis, mulheres jovens estudantes, na conquista da cidadania, sobretudo, no acesso ao direito à educação.

Destaca-se nessa dinâmica, a educação não formal como dimensão político-organizativa na produção do trabalho e geração de renda por meio da coleta seletiva e venda de materiais recicláveis, incluindo a gestão do próprio trabalho cooperativo da ASSCAVAG,

bem como a busca por resgatar a autoestima e propiciar condições mínimas que direcionem à cidadania. Foi estabelecido um diálogo epistêmico com: Gonh (2009), Davis (2013), Freire (1996), Lauretis (1994), Gonçalves (2005), Bensen (2001), Singer (2005). Com a análise, foi possível perceber a constituição das possíveis resistências das mulheres catadoras na luta cotidiana a partir da perspectiva interseccional de gênero, sobrevivência na geração de renda e na apropriação da leitura e escrita para as associadas da ASSCAVAG.

Organização política das mulheres da ASSCAVAG

A luta por trabalho e vida digna faz 16 mulheres sobreporem, de forma radical, sua condição laboral, cujo sonho se materializa da união, do trabalho coletivo, capaz de gerar renda para alimentar seus filhos. Portanto, a criação da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Várzea Grande – ASSCAVAG surge mediante a necessidade de organização na produção do trabalho e geração de renda por meio da coleta, seleção e venda de materiais recicláveis, incluindo a gestão do próprio trabalho cooperativo na ASSCAVAG, resultado concreto de uma luta coletiva de um grupo de mulheres. Segundo Mazzei (2004), a feminização do trabalho significa a precarização social e maior exploração da mulher.

Assim, compreendendo a luta destas mulheres afro-brasileiras catadoras, pelo direito ao trabalho arrancado pelas próprias mãos, forjadas na luta pela sobrevivência, catando lixo nos lixões ou nas ruas, nasce a ideia de trabalharem juntas, ou seja, surge o sonho de vida digna. Trabalhar de sol a sol era muito duro. Planeja-se de início, então, uma sala, com um bebedouro e água gelada para que pudessem matar a sede durante o trabalho de catação. Ter um espaço próprio seria uma grande conquista mediante as precárias condições de trabalho daquelas mulheres catadoras em busca de um sustento imediato para sua subsistência.

Mazzei (2004, p. 05), aponta que, segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), “mais de 70% das mulheres negras do Brasil, que exercem algum tipo de trabalho remunerado ou não, estão sujeitas a empregos precários, também são a maioria em situações de desempregos e de menor renda média do país”. São visíveis as injustiças raciais sociais e históricas produzidas no território brasileiro pela negação dos direitos fundamentais como trabalho e educação aos trabalhadores. As pesquisas de Brito (2016, p. 02), apontam que:

Do lixo às letras: a reinvenção das mulheres catadoras da ASSCAVAG - dilemas da precarização do trabalho

Atualmente, o trabalho das catadoras de materiais recicláveis em ruas aterros e lixões sob condições precárias é responsável 89% dos materiais que abastecem a indústria recicladora, ou seja, a cadeia produtiva da reciclagem tem como base a superexploração de milhares de trabalhadoras negras, que desenvolvem suas atividades sobretudo na informalidade.

Tal cenário permitiu-me perceber com maior acuidade, caminhos necessários à relação de participação da prática científica no trabalho político das classes populares que desafia o pesquisador a ver e compreender tais classes, seus sujeitos e seus mundos, a partir de um trabalho social e político de classe que, constitui igualmente a razão da pesquisa (BRANDÃO, 1984, p. 34). Nesta direção, Mazzei (2004) assevera que o capitalismo contemporâneo vem trazendo alguns elementos que, se por um lado podem beneficiar a emancipação da mulher, por outro, podem acarretar a precarização diferenciada da força de trabalho afetando diretamente a mulher trabalhadora. Conforme Davis (2013, p.84),

Apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo mundo, em especial a partir dos anos de 1960, a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser negra numa sociedade racista. Embora o movimento feminista reconheça os avanços da luta das mulheres, ainda tem muito o que mudar.

Assim, faz-se necessário discutir a perspectiva de gênero, raça e classe porque refletem, dialeticamente, sobre a situação da mulher no Brasil, tendo em vista a participação das 16 mulheres da ASSCAVAG, presentes na roda de conversa. Entretanto, a mulher negra que no período escravista atuava como trabalhadora forçada, após a abolição, passa a desempenhar trabalhos braçais, insalubres e pesados. Essa situação ainda é a mesma para muitas negras no terceiro milênio. Nestes estudos, a mulher negra ainda tem sido vista como aquela que cuida da casa e dos filhos de outras mulheres, para que estas possam cumprir uma jornada de trabalho fora de casa. Contudo, Davis (2013) ao refletir sobre o movimento feminista no Brasil, alerta sobre a vida da mulher negra nos espaços da sociedade, seja na rua, no trabalho e em casa, sendo “[...] a mulher negra mais vulnerável à violência aos direitos humanos e por representar quase a metade da população feminina do Brasil (2013, p.86). Os direitos civis da população negra são condições estruturantes nas relações humanas, responsáveis por gerar formas combinadas de opressão. A exploração sobre gênero, classe e raça fará emergir novas possibilidades para reflexão sobre as políticas feministas. A história do movimento feminista, apresenta uma certa recusa da construção da relação entre masculino

e feminino, em seus contextos específicos, e uma tentativa para reverter ou deslocar suas operações.

Um dos papéis importantes do movimento feminista foi denunciar as injustiças cometidas à condição da mulher, como movimento político de resistência com pautas extremamente relevantes pelo direito a vida. Assim sendo, “Desde a escravatura, a vulnerável condição das trabalhadoras domésticas alimentava continuamente muitos dos retardos mitos sobre a “moralidade” das mulheres negras (DAVIS, 2013, p. 86).

Toda essa mudança não se deu por boa-vontade das autoridades, pois ela tem sido fruto da luta do movimento negro de um modo geral. Neste caso, tanto Davis (2013, p. 87) quanto Scott (1995, p.80), chamam a atenção pela falta de compreensão e sensibilidade com a história específica das mulheres negras por nem sempre ocuparem a atenção do movimento negro, de um modo geral, e nem do movimento feminista. Isso levou as mulheres negras a questionarem a ausência da discussão do gênero articulada com a questão racial dentro do movimento feminista e do movimento negro, e iniciarem uma luta específica.

Nesta direção, é fundamental discutir sobre a mulher catadora negra no contexto da Educação de jovens e adultos, sobretudo no que tange aos dilemas da precarização do trabalho, haja vista o processo histórico brasileiro ser muito similar com a luta árdua dos negros frente ao enfrentamento a opressão e discriminação. Segundo Gonçalves (2005, p. 54),

Os/as catadores de materiais recicláveis que na maioria ingressam na atividade da catação sua expectativa e de que este trabalho seja uma alternativa laboral eventual, no entanto, com base na pesquisa da autora supracitada, esses trabalhadores por falta de opção transforma-se a catação como trabalho contínuo, ou seja, torna-se permanente possibilidade para obtenção de renda imediata com a venda do material coletado.

Neste contexto, ainda na visão da autora, percebe-se que ao se reportarem ao passado, nas trajetórias de vida, esses catadores já exercitaram outras atividades laborativas, como: doméstica, auxiliar de serviços gerais, babá etc. E só posteriormente vieram a trabalhar no lixo. Trabalhar no lixo e com o lixo não tem sido um trabalho fácil para os catadores, haja vista a incorporação da baixa autoestima de si mesmo, decorrente da carga social negativa historicamente construída.

Os estudos de Gonçalves (2005) apontam que os catadores de materiais recicláveis vivenciam processos de exclusão/inserção social em suas trajetórias de vida. Portanto, faz-se

necessário entender esse tipo de trabalho como fundamental na cadeia de reciclagem do país; no entanto, o estudo, nos mostra também, que são excluídos e discriminados, submetidos à precariedade nas condições de trabalho e permeadas por vulnerabilidade e fragilidades dos suportes sociais. Contudo Gonçalves (2005) afirma que,

A eleição do presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 2003, possibilitou pensar um projeto social de inclusão para os catadores cuja interlocução era direto por intermédio do projeto chamado Fome Zero, onde procura fortalecer a organização política social desses trabalhadores, ou seja, interagindo com o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR, na perspectiva da inclusão social, ou seja, costurando a cidadania dos catadores excluídos na implementação de Políticas Públicas (GONÇALVES, 2005, p. 55).

O Movimento Nacional de Catadores de Materiais recicláveis é fundamental para o amadurecimento destes trabalhadores/catadores na construção de vida digna, isto é, soma-se força social ou resistência para saída da exclusão na tessitura da cidadania. Na organização das trabalhadoras catadoras da ASSCAVAG, observa-se que, mesmo vivendo em precárias condições de vida, estes agrupamentos se predispõem a protestar e/ou resistir contra as condições de trabalho que consideram injustas. Vale observar, também, que o trabalho associado protagonizado pelo MNCR potencializa (aparentemente) a formação política dos catadores. Partindo desse pressuposto,

É pela ocupação do espaço público e político que a luta desses trabalhadores vai ganhando proporções que ultrapassam o limite do território nacional. Aqueles chegaram a organizar dois Congressos Latino Americanos de Catadores, primeiro em 2003, na cidade de Caxias do Sul/RS e o segundo, em 2005, na cidade de São Leopoldo/RS. São nestes eventos que os catadores explicitamente demonstram a consciência histórica de sua luta e identidade coletiva (LIMA, 2006, p. 6).

Nesta concepção, vivenciada pelo Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, é importante esclarecer que tanto a formação política, quanto o trabalho associado, ou auto-gestionário, consideram como valor central o processo de humanização. Então, sob a ótica do trabalho organizado com os catadores, ainda, são vários os desafios a serem enfrentados para fortalecer este movimento social.

As reflexões sobre este ensaio revelam a compreensão da forte necessidade de investimento na organização desses trabalhadores, pois tanto a pesquisa de (GONÇALVES, 2005), quanto a de Besen (2011), apresentam dados impactantes, ou seja, de situação agravada pela presença de milhares de catadores ainda em lixões.

Neste processo reflexivo mobilizador e não formal, vivido pelas trabalhadoras catadoras da ASSCAVAG, bem como na construção de novas relações de trabalho, é que elas se deparam com a necessidade emergente de ler e escrever. A construção de novas oportunidades de trabalho surge a partir de um grupo de mulheres que, ao perceber o potencial do trabalho coletivo, se interessam e buscam subsídios no trabalho associado, ou seja, na economia solidária. Para ilustrar, o depoimento da presidente da Associação é emblemático ao afirmar “Foi aqui na Associação ASSCAVAG que aprendemos a trabalhar juntos e para que nosso trabalho melhore ainda mais, precisamos aprender ler e escrever”

Neste contexto, Singer (2005) conceitua a Economia Solidária como mais uma estratégia de luta do movimento popular operário contra o desemprego e a exclusão. A associada B – relata que para sobreviver já sofreu muito, inclusive, discriminação. Lembrou que o trabalho de catação é uma luta diária, na qual tem sido forte ao enfrentar as situações mais complicadas. Como foi o caso de ter que levar seus dois filhos, pela manhã, ao trabalho de catação, porque não tinha com quem os deixar em casa; eram pequenos e pior seria deixá-los sozinhos. Frente a isso, sofreu discriminação da professora de um dos seus filhos, ao dizer para seus coleguinhas em sala de aula que o mesmo não tomava banho; foi acusado de ser sujo e de não ter a higiene pessoal exigida pela unidade escolar. A criança sentiu-se constrangida e não queria mais estudar. Tal situação foi resolvida quando sua mãe foi à escola e teve uma conversa olho no olho com a professora e diretora. Questionando tal postura, disse que se fosse preciso iria ao Ministério Público, afinal seu filho estava sendo excluído por que era filho de uma catadora, ou seja, uma trabalhadora do lixão?

Em primeira instância, à postura da professora, Gutiérrez (1988, p.24), afirma que “a educação contribuirá para solapar as falsas afirmações de neutralidade e objetividade, que servem frequentemente para ocultar o preconceito conservador”. Fica explícito que ser professor exige uma postura político-pedagógica crítica e, sobretudo, humanizada. Porque necessita estar preparado para lidar com as complexidades. No caso, o aluno mereceria ser acolhido junto à turma, na sala de aula, e não excluído, por sua mãe ser mulher trabalhadora do lixão e analfabeta. Para ser um bom professor, conforme adverte Arroyo (2005, p.14), é preciso acreditar nos sujeitos das camadas mais pobres, filhos de pais analfabetos, operários, ter compromisso político com a escola pública.

Quanto ao trabalho associado das catadoras da ASSCAVAG, Gonh (2009, p. 34) refere-se à contribuição da pedagogia “Freireana” aos movimentos sociais no que diz respeito

Do lixo às letras: a reinvenção das mulheres catadoras da ASSCAVAG - dilemas da precarização do trabalho

à produção de conhecimento a partir de palavras geradoras, tendo em vista a problematização da realidade dos coletivos. Todavia, essa produção é gerada pela necessidade de luta na defesa de seus interesses, portanto, implica em se envolver, ter compromisso político, articular a realidade local com os saberes acadêmicos, possibilitando aos sujeitos de EJA um conhecimento articulado entre teoria e prática.

Do lixo às letras: costurando a cidadania dos excluídos na ASSCAVAG - o olhar de quem aprende

Esta sessão discute o processo e apropriação da leitura e escrita pelas trabalhadoras/catadoras da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis em Várzea Grande – ASSCAVAG, e fundamenta-se na educação não formal com Gonh (2009) e Freire (1989). Segundo Gonh (2009, p. 31), “a educação não formal é uma área que o senso comum e a mídia usualmente não veem e não tratam como educação porque não são processos escolarizáveis”. Geralmente ocorrem em espaços informais e fora da escola, porém são processos que educam. Portanto Gonh (2009, p.31) define que,

A educação não formal designa um processo com dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc..

Como se pode notar, na roda de conversa, as alfabetizadas em suas falas demonstraram a relevância do processo de organização para tomar posse das letras, buscaram a interlocução direta com o gestor público estadual na garantia da estrutura humana, política, pedagógica (liberação de professor) e a regulamentação do curso, embora, não abrissem mão do local das aulas no próprio espaço de trabalho, no barracão da ASSCAVAG.

Para tanto, nas falas das mulheres catadoras ficaram evidentes a importância da união e decisão do grupo na defesa do espaço sala de aula na Associação e também quanto ao perfil político-pedagógico do professor; denota que, por parte das catadoras/alfabetizadas, ler e

escrever na ASSCAVAG é mais prazeroso e proveitoso, porque é um espaço genuinamente simbólico para as catadoras, haja vista o sentimento de pertencimento e vínculo no grupo.

O modo de educar é voltado para os interesses e necessidades dos participantes. Embora a sala de aula real, existente na Associação, não corresponda na mesma proporção na estrutura física de uma escola, porém é ali, exatamente naquele lugar simples, carregado de significados, que o grupo escolheu para estudar. Cabe salientar ainda, na visão de Gonh, a educação não formal praticada na Associação é aquela que se aprende no mundo da vida, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletiva cotidianas. É uma educação com valores de solidariedade, respeito e interesses comuns na construção da cidadania coletiva do grupo, espaço onde se lê o mundo para se libertar (GONH, 2009), (FREIRE, 1989).

Neste contexto, no uso da definição de educação não formal para Gonh (2009), os conhecimentos são produzidos considerando os modos de agir em grupo, o resgate de sentimento de autovalorização, percepção da vida e suas adversidades, o aprendizado e a compreensão do mundo no contexto em que vivem. Podemos constatar - as ideias de Gonh (2009) coadunam com Freire (1989) - que o método na educação não formal nasce da problematização da vida cotidiana, os conteúdos são gerados a partir dos temas que se colocam como necessidade, desafios do grupo, ou seja, “os caminhos metodológicos são construídos ou reconstruídos de acordo com os acontecimentos, considerando o ser humano na sua integralidade” (GONH, 2009, p.34). Busco ainda, nas posições de Gonh (2009), ressaltar a educação não formal como gênese da democracia participativa, bem como:

Os teóricos da democracia participativa defendem a tese de que há uma inter-relação entre os indivíduos e as instituições uma vez que a participação tem uma função educativa e os indivíduos são afetados psicologicamente ao participarem do processo de tomada de decisão, o que só possível a partir do momento em que eles passam a tomar parte assentos públicos e a levar em consideração o interesse público. Enfim, essa teoria assinala a importância da experiência nos processos participativos (GONH, 2009, p. 36).

Para tanto, ler e escrever, para as catadoras de materiais recicláveis, seria uma nova prática a ser desenvolvida, até porque, o grupo já estava completamente envolvido com as formações do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, logo, se percebem como pessoas em desenvolvimento. Nesta perspectiva, Lima (2006, p. 07) adverte,

a presença do MNCR como uma organização dessas trabalhadoras, tem sido um processo constante de tensão entre as esferas da emancipação e da regulação na realização de encontros, reuniões e cursos na qual tem contribuído para a visibilidade, não apenas dos catadores enquanto cidadãos que desenvolvem um papel imprescindível, mas também de mudanças mais profundas e complexas no seio da sociedade brasileira.

Sobre esse aspecto, a partir desse envolvimento e proximidade com novas formas de pensar e fazer política dessas mulheres trabalhadoras/catadoras, aprender a ler e a escrever também foi bandeira de luta, não foi algo doado, ou caiu de cima para baixo, muito pelo contrário. A conquista da escrita rompe com a cultura até então estabelecida, do não letramento. Na visão dessas mulheres catadoras, aprender a ler e a escrever, sobretudo, tomar posse das letras, seria uma forma de passarem a ser respeitadas, ou melhor, deixarem de ser enganadas no trabalho, no registro de sua coleta e venda pelos atravessadores e empresários das indústrias. Apesar da consciência e relevância dos trabalhos realizados por elas e demais catadores, enquanto profissões permanecem ainda culturalmente estigmatizadas e marginalizadas pela sociedade.

Então, este estudo revela que, junto, o grupo se predispôs a tomar posse da leitura e da escrita, tendo como base o conceito de autogestão, que é a prática econômica em que os trabalhadores são os donos das ferramentas de produção e sem patrões. Educação popular, nessa concepção, o alfabetizando torna-se desde o início sujeito do processo político-educativo. Desse modo, Freire (1989) lança um conceito importante sobre a emancipação, interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação.

Na perspectiva Freireana, ler é tomar consciência. A leitura é, antes de tudo, uma interpretação do mundo em que se vive. Segundo Freire (1989, p. 07), a linguagem escrita é “Falar sobre ele, interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever neste contexto, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade. A escrita é também objeto do pensamento e da vida”.

Na visão das trabalhadoras/catadoras, a sala de aula no local de trabalho, ou barracão da Associação, é uma forma de interação, crescimento, compromisso e autocontrole, pois todas sentem vontade de estar naquele lugar, espaço de reconhecimento identitário. Neste sentido, percebe-se que a expectativa dessas trabalhadoras/catadoras é de manter-se unidas na construção de saberes/conhecimentos naquele espaço, mesmo que ainda precário, porém, carregado de significados. Outro registro importante foi o fato da professora alfabetizadora,

uma pedagoga, ter sido catadora de materiais recicláveis; essa trajetória de vida foi de suma importância para sua legitimação, enquanto profissional.

Entretanto, a educação trabalhada pode ser entendida como prática social transformadora e democrática. Pelo fato da professora alfabetizadora ter trabalhado como catadora, houve reconhecimento social das alfabetizadas (pertencente ao mesmo lugar) “Do Lixo às Letras” e somado a isto, ter tido compromisso político-pedagógico com a aprendizagem, porque ser capaz de identificar o potencial de cada uma possibilitou uma costura significativa na ampliação das práticas de cidadania dessas mulheres/catadoras alfabetizadas. Pode-se assim dizer que, a posse da leitura e da escrita transformou o olhar de quem aprende. E ainda ressignificou o olhar sobre si mesma, como sujeito de direito inserido na modernidade. Do ponto de vista de Gonh (2009, p. 30), entende-se que:

O que se observa de fato é que o debate sobre a “crise da modernidade” trouxe à tona a questão da racionalidade, o questionamento da racionalidade científica como a única legítima, mas trouxe à tona também novos campos de produção do conhecimento e áreas do saber que estavam invisíveis ou não tratadas como conhecimento ou saber educativo recoberto de práticas pedagógicas e processos educativos. Outras dimensões da realidade social, igualmente produtoras de saber, vieram à tona, tais como as que advêm do mundo das artes, do “mundo feminino” das mulheres, do corpo das pessoas, das religiões e seitas, da cultura popular, das aprendizagens do cotidiano, via a educação não formal.

Dessa maneira, foi importante o empoderamento da leitura e escrita para as alfabetizadas. Assim, na acepção Freireana, há uma intenção clara de criar uma mulher nova, livre de dentro para fora. A educação é vista como “projeto e processo”. A educação é processual e se dá no cotidiano, não é fato isolado, espontaneísta, é parte de uma totalidade que implica direção consciente, integrada numa perspectiva mais ampla de ação global para toda a sociedade. Também, é fundamental incluir nesta análise, uma observação sobre a importância atribuída pelas catadoras para sua luta e organização na e pela Associação ASSCAVAG, porque suscita a inconclusão na pauta de reivindicação por boas condições de trabalho, repercutindo diretamente na melhoria da qualidade de vida dessas catadoras.

Então, tomar posse das letras, ou seja, aprender a ler e a escrever, na sala da Associação, foi um elemento constitutivo como nova prática social de educar pessoas, sobretudo, contribuir com a arte de fazer pessoas, que segundo Passos (2013) e Freire (1989), promove a formação política dessas catadoras para o fortalecimento e reconhecimento social e condução de “ser mais” - Freire (1989) concebe o “ser mais” como desafio da libertação dos

oprimidos como busca de humanização. A partir do diálogo crítico e problematizador, é possível que os oprimidos construam caminhos e conceitos para a realização de seu ser, mais como vocação ontológica.

Vale destacar que, a organização das catadoras associadas é uma possibilidade de inserção social; advinda das necessidades elencadas pelo grupo mediado pelo trabalho, se estabelecem novas relações entre seres humanos. Para concluir, com a análise foi possível perceber a constituição das possíveis resistências das mulheres catadoras na luta cotidiana a partir da perspectiva interseccional de gênero, sobrevivência na geração de renda e na apropriação da leitura e da escrita para as associadas da ASSCAVAG.

Considerações

A reflexão sobre os processos de organização social e política das trabalhadoras/catadoras na construção de uma concepção crítica da realidade frente à exclusão e a pobreza criada pela sociedade capitalista - nesta proposta educacional, a cooperação e a solidariedade são princípios que foram resgatados como valores humanizadores. Vale lembrar que, o fato de se ter por parte das mulheres catadoras a necessidade de persistir cotidianamente na luta pela sobrevivência, essas trabalhadoras construíram no diálogo, consciência política sobre a realidade. Todavia, pode-se ainda dizer, pelas falas na roda de conversa, que as mesmas percebem como desafio essa construção da consciência política, tendo em vista a passividade e docilidade tão enraizada na cultura ocidental.

Por outro lado, ao encontrar significado no trabalho coletivo, ou seja, no trabalho associado, criam novas possibilidades existenciais onde se apoiam para se livrar das artimanhas do capital, como o individualismo e conformismo. No entanto, a educação libertadora continua sendo uma meta a alcançar em todas as dimensões, tanto no trabalho, família, igreja enfim, em todos os espaços participativos. Assim, ousamos dizer que as mulheres catadoras, por intermédio do trabalho associado, têm aprendido a conviver e a ser, por meio dos saberes adquiridos, os quais têm possibilitado uma mudança cultural ou transformação social realizada pelo trabalho.

De acordo com Frigotto, Ciavatta & Ramos (2011, p. 02), quando o homem produz sua existência por meio do trabalho, transforma a natureza. Nesta concepção de trabalho

existe uma intencionalidade formativa, ou seja, é uma atividade prática que gera conhecimento, cultura e conscientização. Trata-se de pensar as relações de trabalho como libertação das trabalhadoras. Nesta perspectiva, considera-se o trabalho associado a um campo de conhecimento criativo e híbrido, que merece aprofundamento em estudos posteriores. Sabe-se o quanto se fez necessário à formação política, considerando que a formação não é neutra, todavia adverte (FREIRE, 1996), em concordância com Merleau Ponty (1994), “As relações são permeadas de intencionalidades, portanto, o corpo/espírito está imbricado, com sensibilidades, movimentos, ritmos singularidades”; esta educação, para Merleau Ponty (1994), se efetiva com uma consciência doadora de sentidos e construídas à base de relações de reciprocidade.

Neste caso, “Do Lixo às Letras” está pautado na educação popular de Paulo Freire, como instrumento que liberta, ancorado na educação não formal como espaço político de aprendizagem significativa para romper a lógica do capital e construir uma alternativa solidária existencial. Neste contexto, percebe-se que a luta pela organização do trabalho associado tem sido espaço emblemático na produção da existência de “ser mais” das mulheres catadoras de materiais recicláveis. Portanto, tomar posse das letras, no barracão da ASSCAVAG, tem sido lugar de descobertas, novas oportunidades, sobretudo construção de conhecimento.

Desse modo, foi analisado pelos depoimentos em roda de conversa pelas catadoras, que o trabalho associado foi o motor propulsor para a existência do grupo na produção material e imaterial de conhecimento, o qual seria impossível efetuar se fosse na sala de aula do CEJA Licínio Monteiro.

Para as catadoras, o lugar de pertencimento está na Associação, pois está vinculado ao trabalho como produção da vida, e nota-se que este trabalho está embasado no movimento nacional de catadores de materiais recicláveis, e neste sentido as trabalhadoras buscam, por intermédio do trabalho, reinventar dialeticamente sua humanização.

Referências

ARROYO, Miguel. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** In SOARES, L; GIOVANETTI M.A; GOMES; NL. (Org) *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos.* 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BESEN, Gina Rizpah. **Coleta seletiva com inclusão de Catadores**: construção participativa de indicadores e índices de sustentabilidade. Tese apresentada ao Programa em Saúde Pública. São Paulo, 2011. Acesso dia 28/06/2017.

BRANDÃO, Carlos R. (org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
BRITO, Carol. **Mulheres Negras Catadoras de Materiais Recicláveis**. Esquerda Diário acessado 29/01/2018.

DAVIS, Ângela. **Mulher Raça e Classe**. Tradução livre. Plataforma Gueto, 2013.

FREIRE, FREIRE, Paulo. **A importância do ato de Ler**. São Paulo, Editora Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996. Coleção Leitura.

FRIGOTO, Gaudêncio et alii. **O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores**. São Paulo: Excertos, 2011.

GONÇALVES, Raquel de Souza. **Catadores de materiais recicláveis: trabalhadores fundamentais na cadeia de reciclagem do país**. Revista Serviço Social e Sociedade, n. 82. trabalho e Saúde. São Paulo: Cortez, 2005.

GONH, Maria Glória. **Educador não formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social**. Revista Meta: Avaliação/Rio de Janeiro. V.1, n.1, p.28-43, jan/abril. 2009.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Educação como práxis política** / tradução de Antônio Negrino. – São Paulo: Summus, 1988.

BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2013.

LIMA, Cristiano de França (2006). **Catadores de material reciclável em movimento**: trajetória de uma identidade coletiva. Acesso 30/06/2017.

MAZZEI, Nogueira Claudia. **A Feminização no Mundo do Trabalho: Entre a Emancipação e a Precarização**. 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PASSOS, Luiz Augusto. O Corpo, Carne e Ser em Merleau Ponty: **A Relação Indissociável das coisas com o mundo com tudo e todos**. V Seminário de Fenomenologia do Centro Oeste – Fenomenologia e Formação Humana. 2013.

Do lixo às letras: a reinvenção das mulheres catadoras da ASSCAVAG - dilemas da precarização do trabalho

PISTRAK, M.M. **Fundamentos da Escola do trabalho**. 3. ed. São Paulo, Expressão Popular, 2011.

SINGER, Paul. A Economia Solidária como Ato pedagógico. In: KRUPPA, Sonia M. Portella (org). **Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Inep, 2005.p.13-20.

Recebido em: **10/11/2017**

Aprovado em: **15/02/2018**

Publicado em: **01/01/2019**

Maria Luzenira Braz e Eliseu Riscaroli

89